

Apagamento das Vogais Átonas Finais [I] e [U] em Localidades Mineiras a Partir do Atlas Linguístico do Brasil - ALiB

Maria do Carmo Sá Teles de Araujo **ROLO***
Jacyra Andrade **MOTA****

* Doutor (2016) em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Docente da Secretaria da Educação do Estado da Bahia. Contato: mcstar.rol@gmail.com

** Doutor (2002) em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Docente do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Contato: jacymota@gmail.com.

Resumo:

Este trabalho tem por objetivo investigar o apagamento das vogais átonas [I] e [U] em finais de vocábulos paroxítonos provenientes de quatro localidades mineiras que integram o Projeto ALiB – Pedra Azul, Teófilo Otoni, Diamantina e Montes Claros –, bem como verificar as condições que favorecem ou restringem a variação. É um trabalho desenvolvido à luz da Sociolinguística Variacionista e da Dialectologia Pluridimensional Contemporânea. A amostra analisada é composta de dezesseis inquéritos. O levantamento das ocorrências de [I] e [U] finais teve como base as respostas a quarenta e duas questões extraídas do Questionário Fonético-Fonológico, bem como aquelas provenientes dos relatos sobre os quatro temas sugeridos no discurso semidirigido. Para as análises, consideraram-se dois tipos de variáveis: as linguísticas (o contexto fonético seguinte e o tipo de questionário) e as extralinguísticas (o sexo, a faixa etária e a localidade). Os dados indicam que o apagamento de [I] e [U] finais nas quatro localidades investigadas é regulado por contextos linguísticos e extralinguísticos que atuam favorecendo ou não as variantes.

Palavras-chave:

Diatopia. Apagamento de vogais. Variação fônica.

Signum: Estudos da Linguagem, Londrina, v. 22, n. 2, p. 10-29, ago. 2019

Recebido em: 15/08/2019

Aceito em: 14/02/2020

Apagamento das Vogais Átonas Finais [ɪ] e [ʊ] em Localidades Mineiras a Partir do Atlas Linguístico do Brasil – ALiB

Maria do Carmo Sá Teles de Araujo Rolo; Jacyra Andrade Mota

INTRODUÇÃO

O apagamento de vogais em final de vocábulos é um processo antigo na língua portuguesa e encontra-se documentado desde o latim (*amare* > amar) até a atualidade (povo ~ [ˈpov]). Esse fenômeno em posição final de sílaba é um processo relativamente pouco estudado na variação linguística do português do Brasil, embora existam estudos como os de Corrêa (1998), Oliveira (2006, 2012) e Rolo (2010, 2016) que tratam do assunto. O apagamento em foco no presente estudo ocorre em sílaba átona postônica final, especificamente com as vogais [ɪ] e [ʊ], diante de consoante, como em: “Cachorro [kaˈʃox] quente [ˈkēt] com suco [ˈsuk] que eles gosta” ou pausa “Caroço [kaˈros]” e “Perfume [pɛhˈfũm]”, documentados em Rolo (2016).

O *corpus* foi constituído com dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), em quatro localidades do interior de Minas Gerais: Pedra Azul e Diamantina, situadas no Vale do Jequitinhonha; Teófilo Otoni, no Vale do Mucuri; e Montes Claros, no Norte de Minas, com vistas a buscar evidências que motivam as ocorrências.

A existência do fenômeno de apagamento é documentado em grandes proporções na localidade de Beco, distrito de Seabra, na Bahia, com 77% de ocorrências; o povoado é marcado pelo fato de os falantes “engolirem” a vogal final das palavras e, por isso, estigmatizado linguística e socialmente como mostra o estudo de Rolo (2010). Em sua pesquisa, a autora verifica que, dentre as motivações mais produtivas para o fenômeno, encontram-se, no campo fonético, a incidência de algumas das consoantes pré-vocálicas e, do ponto de vista social, a faixa 2, portanto, os falantes mais velhos.

Apesar de esse fato não haver despertado grande interesse dos linguistas e estudiosos como ocorre, por exemplo, com as vogais tônicas e pretônicas, em gramáticas do português do Brasil e de Portugal (CUNHA; CINTRA, 2013), já se encontram registros do apagamento de vogais átonas finais, como se observa em Perini (2010), em sua *Gramática do Português Brasileiro*, que inclui a omissão das vogais [e] e [o] em final de sílaba átona, no trecho:

O [u] átono final, grafado *o*, se pronuncia muito reduzido em certos ambientes. Em final de enunciado, isto é, antes de silêncio ou pausa, ele é frequentemente omitido. Dessa forma,

uma frase como eu vi um gato muitas vezes se pronuncia como [ew¹viũ¹gat], sem vogal final (PERINI, 2010, p. 349).

Em relação ao apagamento da vogal [i], o autor faz a seguinte consideração:

O *e* final átono, como sabemos, se pronuncia normalmente [i]. No entanto, quando a consoante precedente é uma fricativa ou africada palatal — ou seja, [tʃ, ʃ, dʒ, ʒ] — o [i] às vezes não se ouve, de modo que a palavra termina, foneticamente, em consoante. Por exemplo, *ponte* [ˈõʦ], *mexe* [ˈmɛʃ], *rende* [ˈrẽdʒ], *hoje* [ˈõʒ] (p. 348).

No que concerne a Portugal, Cunha e Cintra (2013), na *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, mencionam o fenômeno do apagamento numa extensa área da Beira Baixa, Alto Alentejo e no ocidente do Algarve. Os autores se referem, dentre outros traços mais salientes, à “queda da vogal átona final –o ou sua redução ao som [ə], por exemplo: *cop*[ə], *cop*[ə]s, por copo; *tud*(ə) por tudo” (p. 29).

O fato está também atestado nos atlas de Portugal, registrado tanto no continente – com predomínio na parte centro-meridional do país, como mostram os registros do *Atlas Lingüístico de la Península Ibérica*, ALPI (NAVARRO et al., 1962) e do *Atlas Lingüístico do Litoral Português*, ALLP (VITORINO, 1987), e dos estudos de Maia (1975); Segura da Cruz (1987) –, quanto nos Açores (*Atlas Lingüístico-Etnográfico dos Açores*, ALEAÇ (FERREIRA et al., 2001). Pesquisas de Bernardo (1991), M. B. Ferreira et al. (1996) e Silva (1998) revelam que o dialeto de São Miguel apresenta um sistema vocálico consideravelmente diferente daquele do português padrão europeu.

Observam-se alguns exemplos nos atlas citados em Portugal, tanto na parte continental quanto na parte insular: *cavalo* ~ [kaváɫ]; *doze* ~ [dóʒ̥]; *aço* ~ [ás] (cf. NAVARRO et al., 1962, Cartas 09, 29, 71), *badejo* ~ [bədéz], *salmonete* ~ [sɛłmnét]; *choco* ~ [ʃók] (cf. VITORINO, 1987, Cartas 89, 50, 136); *gado* ~ [g¹ãδ]; *mamote* ~ [mɛm¹ot]; *porco* ~ [p¹ork] (FERREIRA, M. B. et al., 2001, Cartas 02, 24, 85).¹

Com respeito ao Brasil, o apagamento de vogais átonas finais encontra-se documentado nos atlas regionais – *Atlas Prévio dos Falares Baianos*, APFB (ROSSI, 1963), *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais*, EALMG (RIBEIRO et al., 1977), *Atlas Lingüístico de Sergipe*, ALS (FERREIRA, C. et al., 1987), *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul*, ALERS (KOCH; KLASSMANN; ALTENHOFEN, 2002) e no *Atlas Lingüístico do Estado do Ceará*, ALECE (BESSA, 2010) – e em estudos, como os de Corrêa (1998), Oliveira (2006, 2012) e Rolo (2010, 2016), realizados em localidades da Bahia e de Minas Gerais.

Alguns exemplos que se encontram nos atlas citados são: *cabo verde* ~ [ˈkabu¹verd]; *mabaço* ~ [ma¹bas:] (ROSSI, 1963, Cartas 81, 100); *pique* ~ [ˈpik] (RIBEIRO et al.,

¹ Conservam-se, nesses exemplos, as transcrições originais.

1977, Carta 35); *Caçote* ~ [ka'sot]; *tabaco* ~ [ta'bak] (FERREIRA, C. et al., 1987, Cartas 126, 53); *dezesete* ~ [dize'set]; *americano* ~ [əmeri'kãn] (KOCH; KLASSMANN; ALTENHOFEN, 2002, Cartas 32, 07); *tempestade* ~ [têpeʃ'tad]; *terremoto* ~ [tɛxɛ'mot] (BESSA, 2010, Carta 006.F004).

Diante disso, este artigo tem por objetivo verificar a presença ou a ausência das vogais átonas finais [I] e [U] na realização da fala de quatro localidades mineiras que integram o Projeto ALiB, com o propósito de confrontar os resultados com o apagamento documentado nos atlas regionais e nos estudos contemporâneos, bem como definir as condições que favorecem ou restringem a variação.

Tendo em vista as contribuições que os estudos dialetais e sociolinguísticos podem proporcionar ao conhecimento da língua portuguesa falada no país, focaliza-se, neste trabalho, a variação na sílaba final átona de quatro localidades mineiras – Pedra Azul, Montes Claros, Teófilo Otoni e Diamantina –, à luz da Dialectologia Pluridimensional (THUN, 2000) e da Teoria Variacionista (LABOV, 2008).

Na Carta VIII do Projeto ALiB, que compreende a rede de pontos da Região Sudeste (Figura 1), destacam-se os pontos selecionados para este artigo: 129 (Pedra Azul), 131 (Montes Claros), 133 (Teófilo Otoni) e 134 (Diamantina).



Fonte: Cardoso et al. (2014b).

Figura 1 – Carta VIII - Rede de pontos do Projeto ALiB Região Sudeste

Por se tratar de áreas em que algumas pesquisas e os próprios atlas linguísticos regionais de Ribeiro et al. (1977) e de Rossi (1963) assinalam casos de redução e apagamento da vogal final, espera-se que o estudo desses registros possa ajudar na compreensão e descrição das tendências atuais de fala nas localidades.

Para contextualizar a discussão, serão apresentados, brevemente, nas próximas seções, os pressupostos teóricos que orientam este trabalho, alguns estudos sobre o apagamento das vogais átonas no Brasil, bem como alguns registros coletados nos atlas regionais do Brasil. Em seguida, a metodologia, a discussão dos resultados e as conclusões.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Os parâmetros postulados por Labov (2008) mostram que não existe variação livre, visto que esta é impulsionada por fatores condicionadores. Desse modo, o contexto linguístico e/ou os fatores externos sempre determinarão qual forma irá ocorrer numa dada situação de fala. Assim, levando em consideração que a variação linguística não é aleatória, haverá uma variável concebida como dependente e influenciada por variáveis independentes, as quais podem ser de natureza social e estrutural.

Visto que a fala utilizada em diferentes regiões possui características próprias, vale destacar o conceito de Ferreira e Cardoso (1994), quando conceituam a Dialetoлогия como a disciplina que procura descobrir e descrever essas características, tentando identificar áreas mais ou menos coesas, assim como determinar os fatores que levaram à sua formação, estabelecendo fronteiras geográficas de certos usos linguísticos, como se pode verificar, por exemplo, nos usos do apagamento de vogais finais em áreas baianas e mineiras.

Numa perspectiva pluridimensional, a Dialetoлогия amplia o seu campo de investigação, incluindo o controle sistemático de variáveis sociais, como as dimensões diageracional, diassexual, diastrática e diafásica, entre outras (THUN, 2000).

Com relação ao sistema vocálico brasileiro, Câmara Jr. (2008) observa que “as sílabas finais átonas são as mais débeis, em vocábulos de acento tônico na penúltima sílaba, ditos paroxítonos” (p. 47). Essa debilidade máxima da sílaba átona final provoca o seu enfraquecimento, a sua redução e até a sua queda em decorrência da variação dialetal.

É válido ressaltar que o aspecto investigado neste estudo se refere à presença ou à ausência das vogais finais [I] e [U] na realização da fala de quatro localidades mineiras. Sendo assim, é possível que o uso de uma ou outra variante seja influenciado por fatores linguísticos ou sociais que constituem variáveis independentes. Definir as condições que favorecem ou restringem a variação é o que pretende este estudo.

PANORAMA DO APAGAMENTO DAS VOGAIS ÁTONAS FINAIS NO BRASIL: O QUE DIZEM OS ESTUDOS

O processo de apagamento de vogais átonas finais faz parte do português do Brasil e já conta com alguns registros pioneiros a partir de dados de fala espontânea em diferentes regiões brasileiras (CORRÊA, 1998; OLIVEIRA, 2006, 2012; ROLO, 2010, 2016).

Corrêa (1998), em seu estudo variacionista sobre realizações de pronomes pessoais de 3ª pessoa no português falado na cidade de Belo Horizonte, investiga a alternância entre a forma plena dos pronomes de 3ª pessoa *ele(s)*, *ela(s)* e formas reduzidas correspondentes a *el*, *eis*, *éa(s)* como, por exemplo, “*el vai voltar*”. Nessa análise, o autor constata que o ambiente fonológico subsequente constituído de nasais e oclusivas favorece as formas reduzidas e que os mais velhos favorecem o processo. Além disso, o uso de formas reduzidas é maior nos informantes masculinos e a distribuição das variantes indicou variação estável.

Oliveira (2006) documenta o apagamento da vogal átona em sílaba /l/ + vogal final, como em *amarelo* [ama'relu] ~ [ama'rel] ~ [ama'reɫ]; *ele* ['eli] ~ ['el] ~ ['eɫ], na cidade de Itaúna, também em Minas Gerais. Em sua análise variacionista, o pesquisador constata que o apagamento da vogal final em Itaúna é favorecido por fatores externos e internos, com a predominância do sexo masculino.

Em 2012, quando amplia o seu campo de investigação sobre o apagamento de vogais, em Minas Gerais, Oliveira observa que os processos de apagamento da vogal antes de pausa (apócope) e consoante fazem parte de um mesmo processo de enfraquecimento de tais vogais, fazendo com que vogais mais reduzidas foneticamente sejam mais apagadas.

Na Bahia, o estudo de Rolo (2010) investiga o apagamento de vogais finais em duas localidades do interior: o povoado do Beco e a cidade de Seabra, situada a 470 km de Salvador. Adotando a metodologia variacionista, a autora constata que o apagamento é um fenômeno característico da comunidade rural do Beco e que parece estar intimamente associado à faixa etária e ao sexo, com falantes da faixa 2, portanto mais idosos, favorecendo-o significativamente. Em Seabra, o processo de apagamento não é significativo e o índice observado, provavelmente, é o índice característico de outras áreas brasileiras.

Rolo (2016) expande o seu campo de investigação sobre o apagamento das vogais átonas finais [I] e [U] na fala espontânea, tendo como base dados coletados em duas cidades baianas (Bom Jesus da Lapa e Macaúbas), e duas mineiras (Almenara e Itaobim). Nessa análise, a autora constata que as consoantes fricativas e nasais favorecem o apagamento da vogal [U] e as oclusivas e laterais favorecem o da vogal [I]. Os dados mostram o apagamento concentrado na faixa 2 em todas as localidades, o que sinaliza

uma mudança em curso nos padrões linguísticos das localidades. O discurso semidirigido é o tipo de questionário que mais favorece o apagamento das vogais.

O panorama do apagamento das vogais átonas finais, delineado através do registro nos atlas linguísticos regionais publicados, ajusta-se aos estudos que o documentam com base em dados de fala espontânea. A descrição desse fenômeno ainda é escassa, mas já conta com pesquisas que revelam o apagamento como uma variação que faz parte do português do Brasil.

METODOLOGIA

A pesquisa se pauta em elocuições de falantes nativos das diferentes áreas contempladas, vinculando-se aos critérios de seleção previstos na metodologia geral do Projeto ALiB. O recorte utilizado para a análise é constituído de quatro localidades de Minas Gerais, que integram o referido Projeto: Pedra Azul, Montes Claros, Teófilo Otoni e Diamantina.

O ALiB estrutura-se como um atlas pluridimensional que se caracteriza pelo alargamento do campo de observação, exibindo cartograficamente dados de natureza social, sem perder de vista a ênfase na variação diatópica, tendo como objetivo maior o fornecimento de dados descritivos da realidade linguística brasileira.

O Projeto é composto por 1.100 informantes, distribuídos entre as 250 localidades que compõem a rede de pontos. Esses informantes estão estratificados conforme o sexo (homens e mulheres); a faixa etária (faixa 1 – 18 a 30 anos –; faixa 2 – 50 a 65 anos), sendo quatro em cada faixa nas capitais, e dois nas demais localidades; e o nível de escolaridade que, nas capitais, agrupa os informantes em dois perfis: i) nível fundamental incompleto; ii) nível universitário (CARDOSO et al., 2014a).

Fazem parte dos inquéritos do ALiB três tipos de questionários: o Questionário Fonético-Fonológico (QFF), o Questionário Semântico-Lexical (QSL) e o Questionário Morfossintático (QMS). Acrescentam-se a esses as questões referentes à pragmática, assim como sugestões de temas para o registro de discursos semidirigidos (sobre fatos marcantes de sua vida, suas atividades no trabalho, programas de televisão ou fatos reportados por outras pessoas), questões de natureza metalinguística e um texto para leitura (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001).

As ocorrências foram extraídas por meio da audição de dezesseis inquéritos completos, quatro em cada localidade. Em razão de o questionário do Projeto ALiB ser muito amplo, o levantamento dos dados teve como base 42 questões extraídas do Questionário Fonético-Fonológico, cujas respostas continham vocábulos paroxítonos com vogais [I] e [U] átonos finais, bem como as ocorrências de [I] e [U] finais, provenientes dos relatos sobre os quatro temas sugeridos no discurso semidirigido, com o propósito de analisar elocuições mais espontâneas, como ilustram os exemplos:

(1) QUESTIONÁRIO FONÉTICO-FONOLÓGICO, questão 42 - CAVALO

INQ.- Como se chama aqui aquele animal que serve para transportar a pessoa de um lugar para outro?

INF.- Cavalo [ka¹val]

(2) TEMA PARA DISCURSOS SEMIDIRIGIDOS 04 - Relato não pessoal

INQ.- Conte um caso / um fato do seu conhecimento (de que tenha ouvido falar que tenha acontecido com um amigo, etc.).

INF.- Ele [el] nam gostou porque era a folga dele [del].

Vale salientar que, para se ter um maior controle, foram retirados das entrevistas alguns casos que poderiam afetar de alguma forma as conclusões. Dentre esses casos, destacam-se as palavras cujo contexto seguinte era seguido de vogal, quando essa sequência vocálica permitia a ressilabação, a saber: a elisão, os casos de ditongação e os casos de degeminação ou crase, bem como os casos de haplologia.

Os dados foram analisados sob a perspectiva da Sociolinguística Variacionista, tendo-se considerado como variável dependente o grupo binário: presença vs. ausência das vogais átonas finais [ɪ] e [ʊ], conforme os exemplos abaixo:

(03) [ɪ] – Dele [ˈdɛlɪ] (Montes Claros, homem, f1)

(04) [∅] – Dele [ˈdɛl] (Temas 004, Diamantina, mulher, f2)

(05) [ʊ] – Cavalo [ka¹valʊ] (Pedra Azul, homem, f2)

(06) [∅] – Cavalo [ka¹val] (Pedra Azul, homem, f2)

Os dados relacionados às vogais finais [ɪ] e [ʊ] foram analisados conjuntamente.

Buscando detectar os fatores condicionadores das variantes do segmento, consideram-se as seguintes variáveis independentes: i) um fator linguístico, o contexto fonético seguinte; ii) as variáveis sociais faixa etária (f 1 de 18 a 30 anos e f 2 de 50 a 65 anos) e sexo (homens e mulheres); a variável discursiva tipo de questionário; e a variável geolinguística, por considerar as localidades mineiras que integram o Projeto ALiB: Pedra Azul, Montes Claros, Teófilo Otoni e Diamantina.

Para a análise estatística dos dados, utilizou-se o programa *Goldvarb 2001* (ROBINSON; LAWRENCE; TAGLIAMONTE, 2001). Para audição dos inquéritos e recorte de trechos de fala, foi utilizado o *Audacity 2.0*. Também foi usado o programa acústico PRAAT para a caracterização acústica da variável, através da apresentação de espectrogramas que permitem visualizar a presença e a ausência do segmento vocálico final.

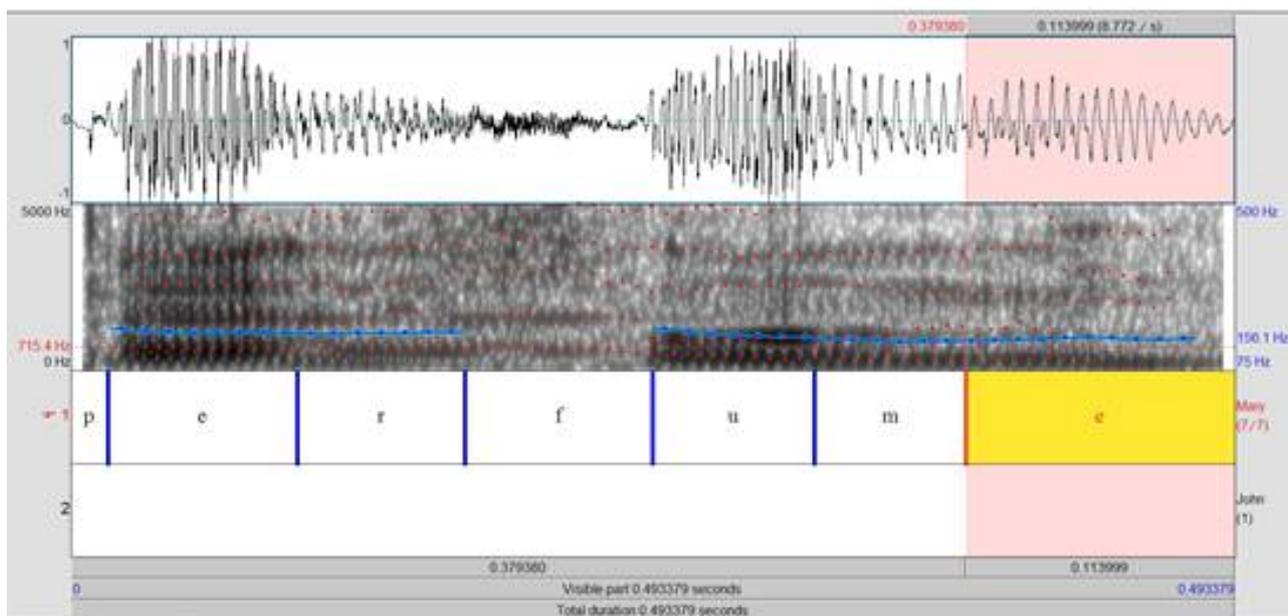
ANÁLISE DOS DADOS DO APAGAMENTO DAS VOGAIS ÁTONAS FINAIS [I] E [U]

Apresenta-se, nesta seção, a análise dos resultados obtidos para verificar a influência dos grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos, selecionados pelo programa *Goldvarb 2001*, na realização das variantes na fala das comunidades investigadas.

Contudo, a análise quantitativa do apagamento das vogais [I] e [U] em final de vocábulos paroxítonos será precedida da caracterização acústica da variável, através da apresentação de quatro espectrogramas que permitem visualizar a presença e a ausência dos respectivos segmentos vocálicos finais.

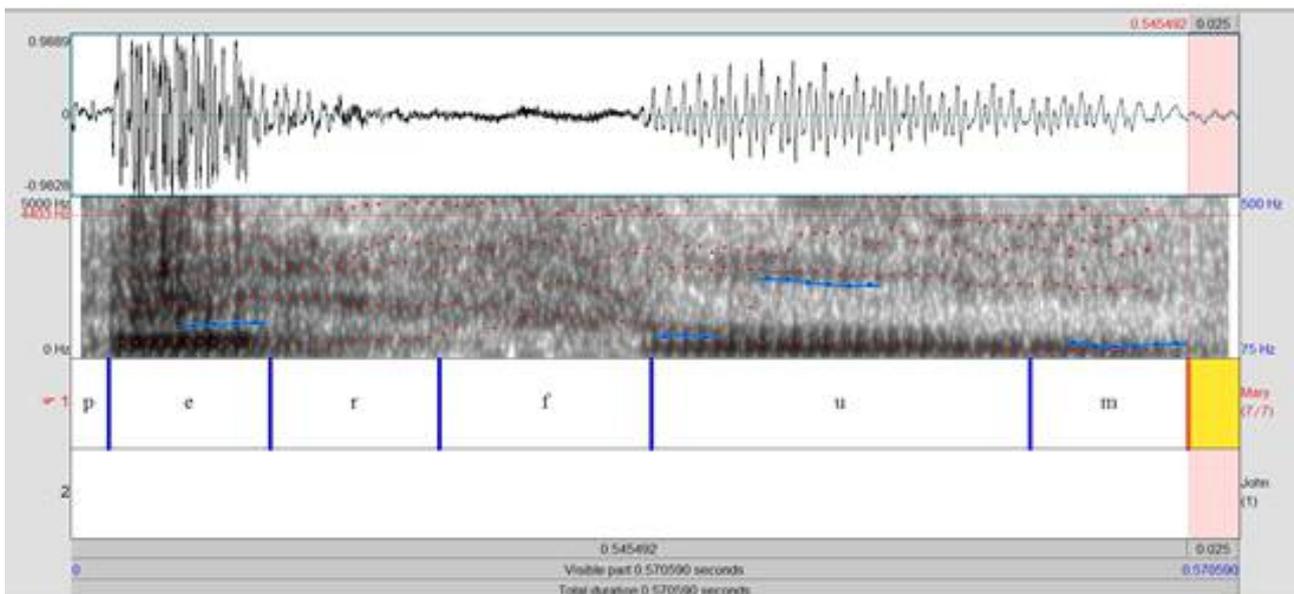
Análise Acústica

Nas Figuras 2 e 3 estão representados os espectrogramas da palavra *perfume*, realizada por um informante de Pedra Azul e outro de Montes Claros, que permitem visualizar a presença e a ausência da vogal final [I]. Pode-se, então, caracterizar acusticamente o fenômeno variável em estudo na cadeia de fala da seguinte maneira:



Fonte: Dados do Projeto ALiB, coletados em 2009.

Figura 2 – Espectrograma *perfume* [peh¹fũmI] (Pedra Azul, homem, f2)



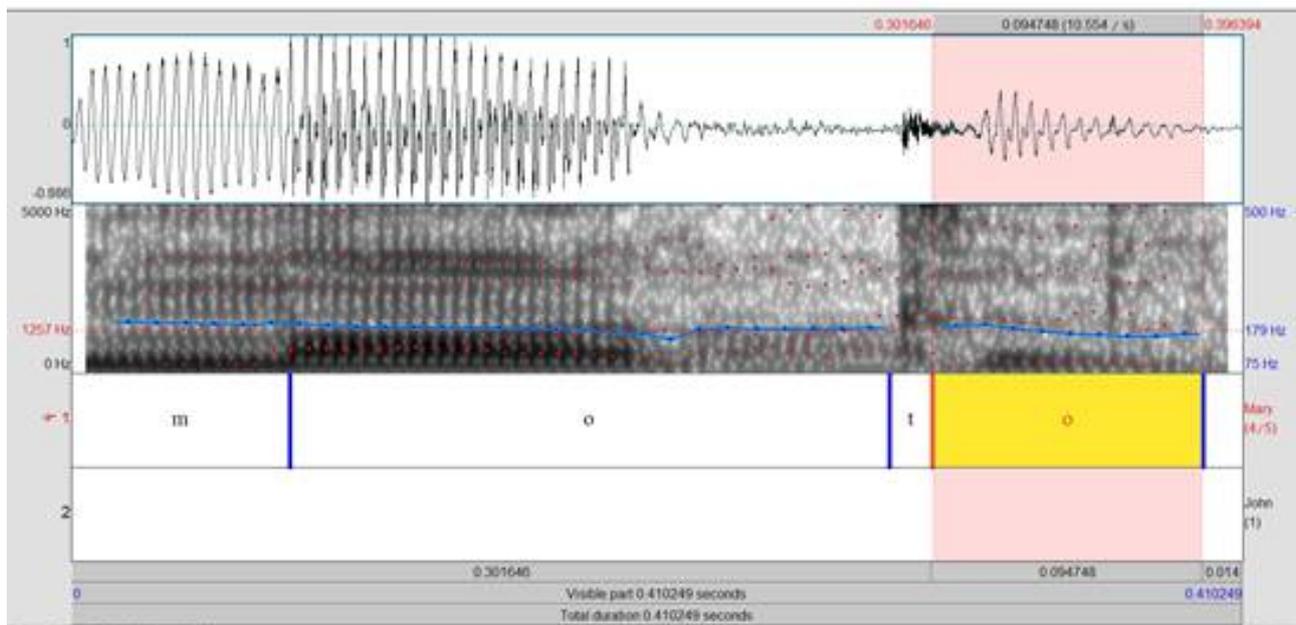
Fonte: Dados do Projeto ALiB, coletados em 2009.

Figura 3 – Espectrograma *perfume* [peh^hfũm] (Montes Claros, homem, f2)

A estrutura acústica observada nos espectrogramas das Figuras 2 e 3 permite visualizar a presença e a ausência da vogal átona final [ɪ]. Na Figura 2, para a realização da palavra *perfume* [peh^hfũmɪ], o sinal acústico mostra claramente a presença de formantes para a vogal final [ɪ] com frequências que variam em torno de F1=253.178036 e F2=2159.857468 Hz.

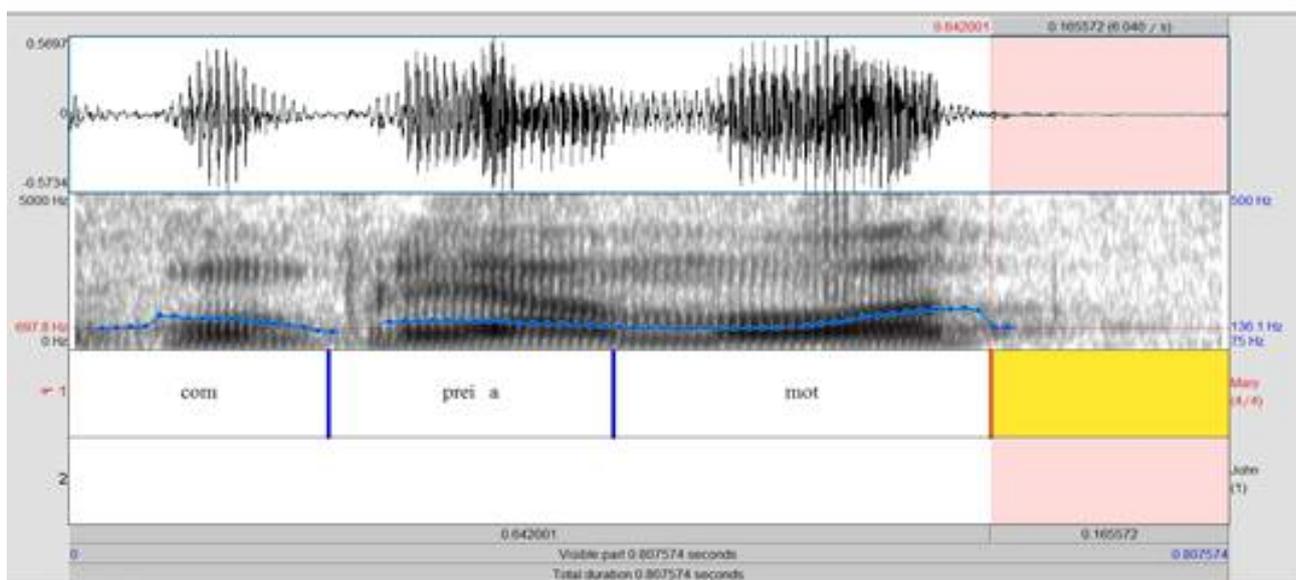
Na Figura 3, visualiza-se com nitidez, a ausência da vogal final [ɪ] para a palavra *perfume* [peh^hfũm]. Pode-se ver que há o sinal acústico da nasalização, fechando a sílaba e não se observa mais nada a partir daí. Não há vestígio acústico algum nos espectrogramas que leve a uma configuração formântica para a vogal átona final [ɪ]. Deve-se ressaltar, portanto, a partir da análise realizada, a constatação da não realização da vogal átona final na referida posição.

As Figuras 4 e 5 referem-se aos espectrogramas da realização da palavra *moto*, obtida através da audição de relatos dos temas para discurso semidirigido de dois informantes: um de Teófilo Otoni e outro de Pedra Azul.



Fonte: Dados do Projeto ALiB, coletados em 2009.

Figura 4 – Espectrograma *moto* [ˈmɔtu] (Teófilo Otoni, mulher, f1)



Fonte: Dados do Projeto ALiB, coletados em 2009.

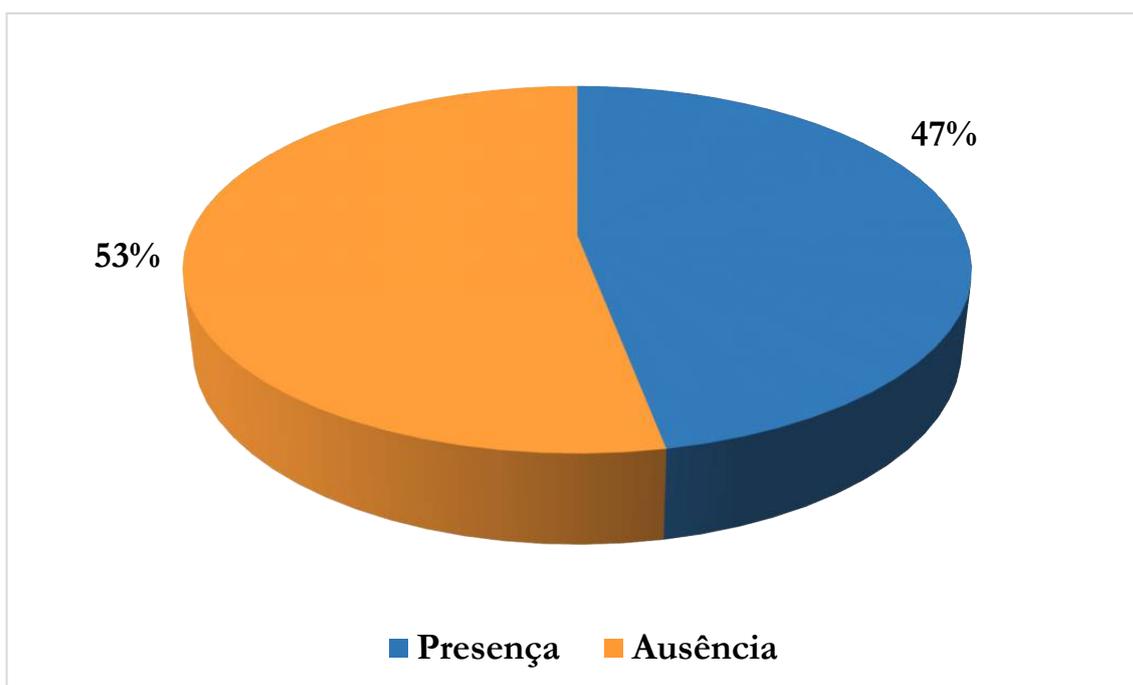
Figura 5 – Espectrograma *moto* [ˈmɔt] (Pedra Azul, homem, f2)

A partir da análise visual dos espectrogramas apresentados nas Figuras 4 e 5, pode-se perceber, acusticamente, a presença e a ausência da vogal final [u]. Na Figura 4, para a realização de *moto* [ˈmɔtu], o sinal acústico mostra com clareza a presença da vogal final [u]. Os formantes para esse segmento vocálico final apresentam médias de frequências que variam em torno de F1= 327.893135 e F2= 1653.002762 Hz.

Na Figura 5, na realização de *moto* [ˈmɔt], o apagamento da vogal final está visivelmente comprovada através do espectrograma analisado. É possível notar, pela imagem espectrográfica, que há apenas uma oclusão e não há vestígio acústico algum que possa levar a uma configuração formântica de uma vogal final. Vê-se, então, que o apagamento, objeto de investigação deste estudo, não é uma impressão auditiva do fenômeno, mas sim, uma ausência comprovada acusticamente.

O Que Dizem os Dados do ALiB Sobre o Apagamento das Vogais Átonas Finais [ɪ] e [ʊ] em Pedra Azul, Montes Claros, Teófilo Otoni e Diamantina: análise variacionista

Considerando o levantamento para a verificação do apagamento das vogais átonas finais [ɪ] e [ʊ], foi submetido à quantificação um total de 1.591 dados. Dentre essas ocorrências totais, analisadas conjuntamente, 53% são de apagamento e 47% são realizadas com a presença das vogais finais, ainda que reduzidas, como se pode perceber na distribuição da variável na amostra (Gráfico 1).



Fonte: Dados do Projeto ALiB, coletados em 2009.

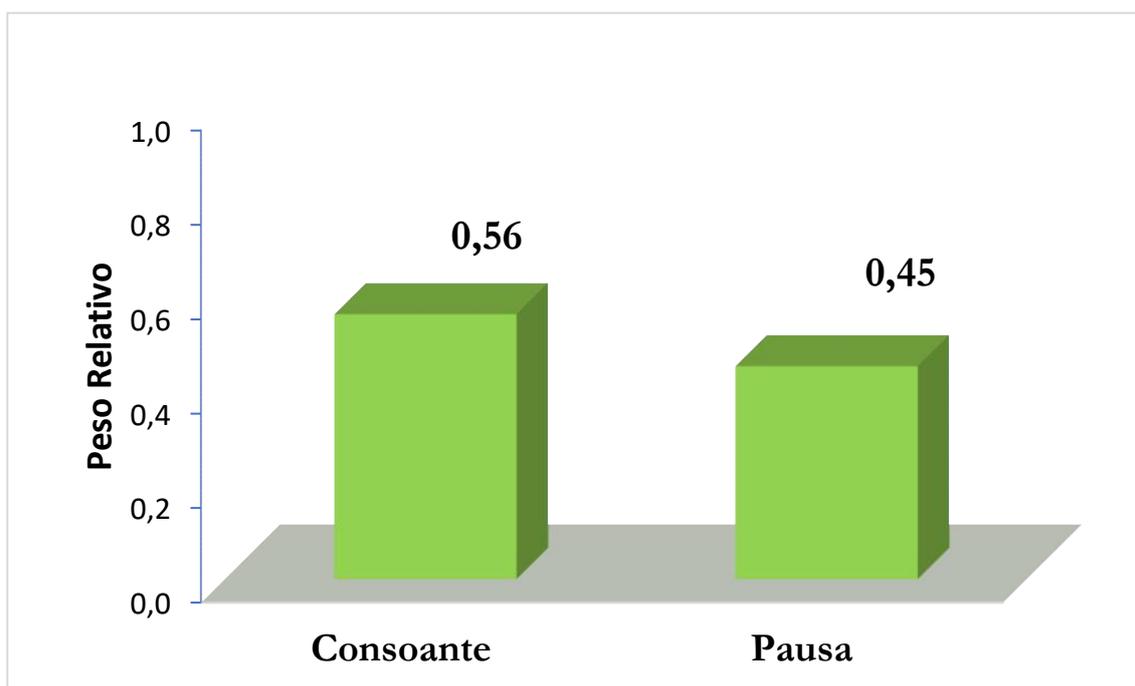
Gráfico 1 – Ocorrências totais de [ɪ] e [ʊ] no *corpus*

Tomando por base os resultados apresentados no Gráfico 1, que permite uma visualização geral da distribuição da variável no *corpus*, pode-se observar, nas comunidades estudadas, uma variação linguística sistemática entre a presença e a ausência das vogais átonas finais [ɪ] e [ʊ].

No que concerne aos fatores linguísticos, buscou-se verificar se a natureza do contexto fonético seguinte às vogais finais [I] e [U] poderia exercer alguma influência no processo de apagamento; assim, analisaram-se os contextos seguidos de consoante e de pausa.

Sabendo que o tipo de elocução pode variar em função do grau de tensão no momento da fala e que os membros de uma comunidade possuem um repertório linguístico que pode variar dependendo, dentre outros fatores, do contexto de fala em que se encontram, considerou-se o tipo de questionário (Fonético-fonológico e Temas para discurso semidirigido) com o propósito de examinar qual deles favorece o apagamento.

Quanto ao contexto seguinte, os dados analisados na amostra revelam que o contexto fonético seguido de consoante favorece mais o apagamento das vogais finais, com 0,56 de peso relativo, como em: “aquele [a'keI] povo ['pov] de viagem” (Montes Claros, homem, f2). Esses dados podem ser visualizados no Gráfico 2, para um melhor entendimento dos resultados.



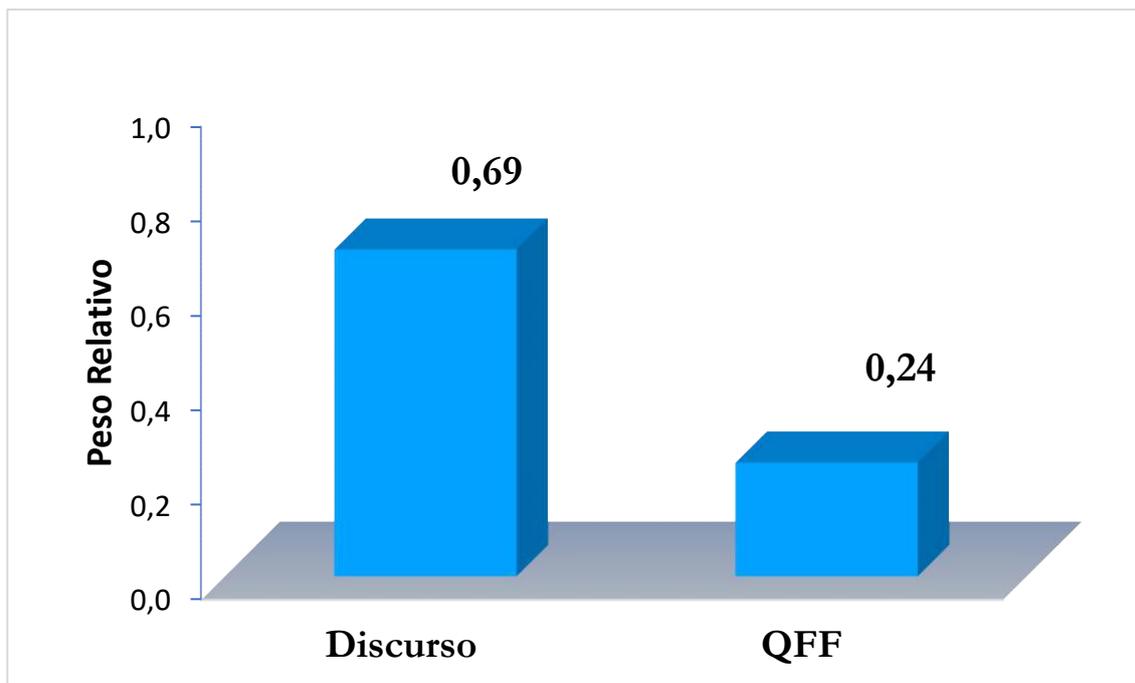
Fonte: Dados do Projeto ALiB, coletados em 2009.

Significância: 0,005

Gráfico 2 – Apagamento das vogais átonas finais [I] e [U] em função do contexto fonético seguinte

Vale salientar que esses contextos são seguidos de consoantes diferentes, como nos exemplos dados, o que os faz distinguir dos contextos de haplologia, como em *marido* [ma'~id] *dela* ['dɛla]. O contexto seguido de pausa não apresenta efeito estatisticamente significativo.

Com relação ao tipo de questionário, os dados mostram que este foi o fator que mostrou maior força na aplicação da regra pelos informantes, como se pode visualizar no Gráfico 3:



Fonte: Dados do Projeto ALiB, coletados em 2009.

Significância: 0,005

Gráfico 3 – Apagamento das vogais átonas finais [I] e [U] em função do tipo de questionário

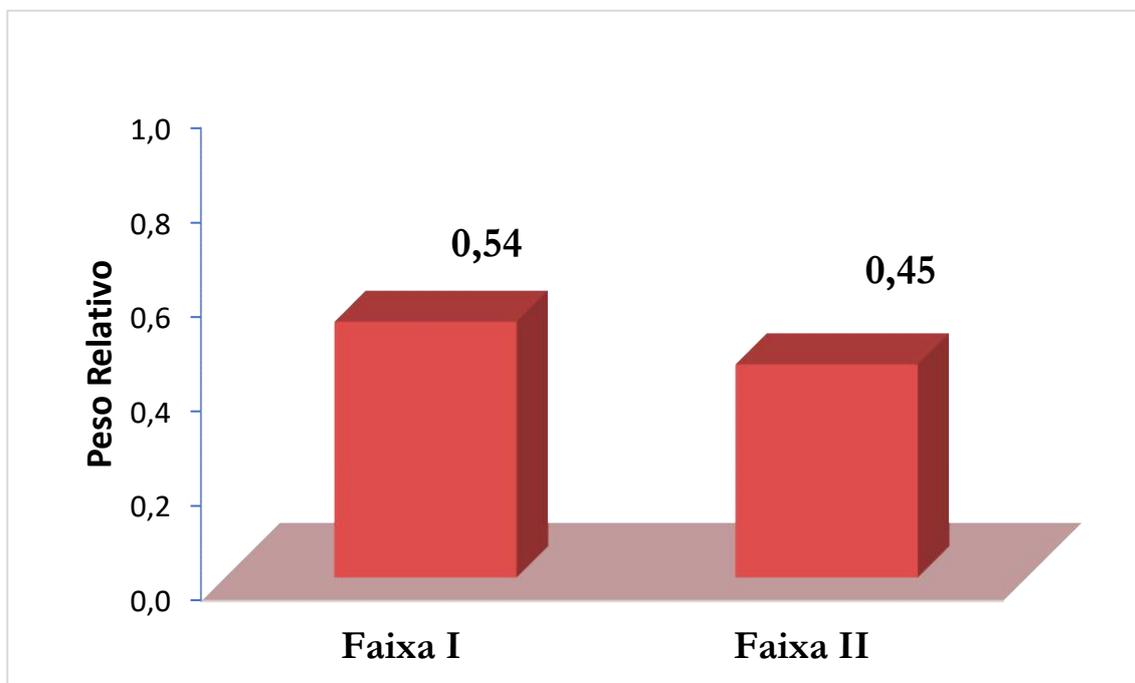
Os resultados apresentados no Gráfico 3 confirmam que o discurso semidirigido é o tipo de questionário que mais favorece o apagamento das vogais átonas finais [I] e [U], com um peso relativo de 0,69. Esse resultado reforça os postulados de Labov (2008) de que, na fala espontânea, os informantes aproximam-se mais do vernáculo. O contrário pode ser observado no Questionário Fonético-Fonológico, com apenas 0,24 de peso relativo. Provavelmente, esse desfavorecimento se deve a um maior monitoramento da fala em razão de as perguntas serem formuladas com o intuito de obtenção de determinadas respostas.

Fatores extralinguísticos

Tendo em conta que a perspectiva variacionista analisa a língua no contexto social, considerou-se, nesta análise, o sexo, a faixa etária e a localidade do informante.

Os dados demonstraram que, praticamente, não há distinção quanto ao uso da regra entre homens (57%) e mulheres (56%). Inclusive, em razão disso, esse fator foi eliminado pelo programa em todas as tentativas de rodadas.

Quanto à faixa etária, os dados analisados para as vogais átonas finais [I] e [U], nas localidades de Diamantina, Montes Claros, Pedra Azul e Teófilo Otoni, revelam pouca diferença quanto ao apagamento das vogais finais entre a faixa 1 e a faixa 2, visto que os valores obtidos para a faixa 1 correspondem a 0,54 de peso relativo, caracterizando um valor pouco representativo, enquanto a faixa 2, com 0,45 de peso relativo, desfavorece o processo (Gráfico 4).



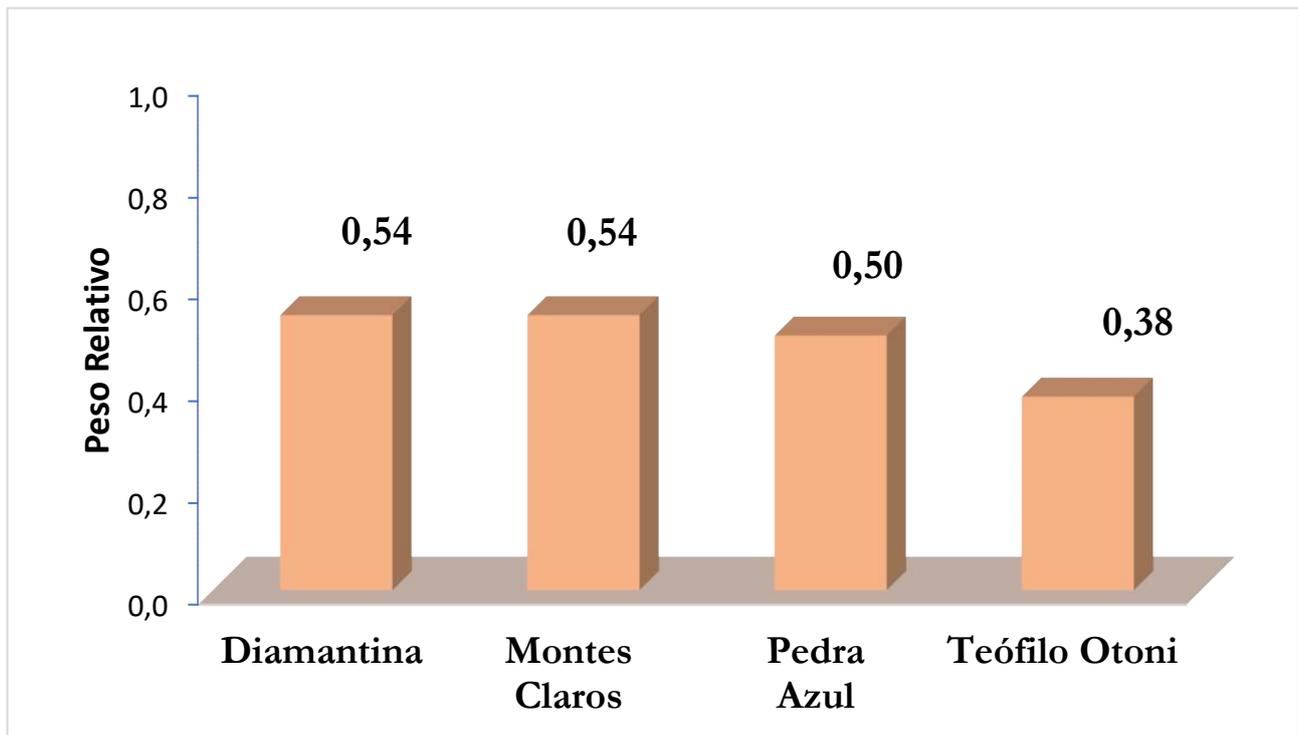
Fonte: Dados do Projeto ALiB, coletados em 2009.

Significância: 0,005

Gráfico 4 – Apagamento das vogais átonas finais [I] e [U] em função da faixa etária

As localidades

Dentre as localidades que foram objeto de análise, os resultados indicam maior apagamento das vogais átonas finais [I] e [U] em duas delas (Gráfico 5).



Fonte: Dados do Projeto ALiB, coletados em 2009. Significância: 0,005

Gráfico 5 – Apagamento das vogais átonas finais [I] e [U] em função das localidades

Os resultados apresentados no Gráfico 5 revelam Diamantina e Montes Claros como aquelas localidades em que o fato é mais frequente, ainda que atinjam apenas 0,54 de peso relativo. Em Pedra Azul, embora o fenômeno esteja presente, encontra-se na neutralidade com 0,50. A localidade de Teófilo Otoni desfavorece o processo (0,38 de peso relativo). Apesar das diferenças nos valores, pode-se considerar a hipótese de que, nessas localidades, observa-se o apagamento geral notado no português do Brasil, como ressalta Viaro (2005, p. 225), “Esse fenômeno parece afetar todo o Brasil. Síncopes e apócpes são muito mais frequentes no PB do que se imagina”.

CONCLUSÃO

Considerando, conjuntamente, os resultados do apagamento das vogais finais [I] e [U] com dados de localidades provenientes da rede de pontos do Projeto ALiB – Diamantina, Montes Claros, Pedra Azul e Teófilo Otoni –, é revelado que há uma variação linguística sistemática entre a presença e a ausência das vogais átonas finais [I] e [U], regulada por contextos linguísticos e extralinguísticos que atuam favorecendo ou não as variantes.

Quanto ao contexto fonético seguinte, os dados mostram que os contextos seguidos de consoante, favorecem o apagamento, com 0,56 de peso relativo. Esse resultado

remete ao estudo de Oliveira (2012), em Minas Gerais, que observa que o contexto seguinte seguido de consoante tem uma tendência ao apagamento da vogal, desde que a vogal seja alta.

Apesar de sexo ter sido uma variável importante na pesquisa de Corrêa (1998), Oliveira (2006) e Rolo (2010), que encontraram maior frequência de apagamento na fala dos homens, os resultados desta análise em quatro localidades de Minas Gerais não demonstraram diferença significativa que pudesse relacionar um uso mais frequente da variante por um dos sexos.

Quanto à faixa etária, os falantes da faixa 1 apresentam uma tendência maior ao apagamento, com 0,54 de peso relativo, sendo que esse resultado é distinto do que observaram Corrêa (1998) e Rolo (2010, 2016). Trata-se de um valor próximo ao ponto de neutralidade, o que pode estar associado a um maior grau de monitoramento do informante no momento da entrevista. Provavelmente, a faixa etária não interfere tanto no processo de apagamento nessas localidades. Porém, uma análise mais acurada com ampliação do *corpus* pode trazer novos esclarecimentos e dirimir possíveis equívocos em relação ao que os dados estão apontando.

No que concerne às variáveis discursivas, o discurso semidirigido é o tipo de questionário que favorece o apagamento das vogais [I] e [U] nas localidades estudadas, com 0,69 de peso relativo, como já observou Rolo (2016), em localidades de Minas Gerais e da Bahia. Nesse estudo, chama atenção Itaobim, em Minas Gerais, como a localidade em que os falantes apagam mais no discurso semidirigido, com 0,75 de peso relativo para a vogal [U] e 0,57 para a vogal [I]. Possivelmente, esse favorecimento ocorre em função do grau de espontaneidade observado na fala, levando o informante a prestar menos atenção ao que é dito.

Considerando a perspectiva diatópica, em Pedra Azul e Teófilo Otoni, o apagamento revelou-se como um fenômeno presente, embora não seja a norma da maioria dos falantes. Diamantina e Montes Claros, embora tenham apresentado valores pouco significativos (0,54 de peso relativo), revelaram-se como áreas de apagamento, reforçando o que já se encontra registrado nos estudos existentes em Minas Gerais, como em Corrêa (1998), Oliveira (2006, 2012), Rolo (2016) e no EALMG (RIBEIRO et al., 1977).

Não resta dúvida de que, com base na amostra analisada, o processo de apagamento das vogais finais [I] e [U] faz parte da realidade linguística brasileira, não como um fenômeno generalizado, mas como um processo que se manteve em determinados pontos do país, como mostram as pesquisas realizadas na Bahia e em Minas Gerais e confirmadas nos atlas linguísticos publicados, tanto naqueles de amplitude regional quanto nos dados do Atlas Linguístico do Brasil, de amplitude nacional.

Contudo, é sabido que o desenvolvimento de pesquisas futuras, com uma amostra mais ampla, permitirá o aprofundamento das análises e inferências, confirmando e/ou

refutando o que foi apresentado neste trabalho. Uma possibilidade seria ampliar o número de localidades pesquisadas, incluindo outras cidades baianas e mineiras, e até mesmo de diferentes regiões do país, com utilização do banco de dados do ALiB, o que resultaria em uma pesquisa de abrangência nacional. Além disso, essa ampliação favoreceria a inclusão de outros fatores, linguísticos e extralinguísticos, e permitiria uma melhor compreensão das interferências dessas variáveis no fenômeno em estudo. Ademais, poder-se-ia analisar o grau de aceitação da variável nas localidades e observar a direção para a qual os resultados estão realmente apontando.

Por fim, vale ressaltar que outros estudos contrastivos, contemplando dados do Brasil e de Portugal, já foram desenvolvidos na tentativa de verificar as semelhanças e diferenças entre os fatores condicionantes do apagamento das vogais átonas finais [i] e [u] nesses diferentes países, a exemplo de Rolo (2016).

REFERÊNCIAS

AUDACITY 2.0. Disponível em: <https://bit.ly/3eCbd4IAudacity>. Acesso em: 15 jan. 2013.

BERNARDO, M. C. R. *O falar da Bretanha*. 1991. Tese. (Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica) – Universidade dos Açores, Ponta Delgada, 1991.

BESSA, J. R. F. (Coord.). *Atlas Lingüístico do Ceará*. Fortaleza: Edições UFC, 2010. 2v.

CÂMARA JR., J. M. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Vozes, 2008 [1953].

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. *Atlas Lingüístico do Brasil: questionário 2001*. Londrina: EDUEL, 2001.

CARDOSO, S. et al. *Atlas Lingüístico do Brasil*. Introdução. Londrina: EDUEL, 2014a. v. 1.

CARDOSO, S. et al. *Atlas lingüístico do Brasil*. Cartas lingüísticas 1. Londrina EDUEL, 2014b. v. 2.

CORRÊA, L. T. *A forma clítica de pronome pessoal no dialeto mineiro: uma variante sociolingüística*. 1998. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.

CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do Português Contemporâneo*. 6. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

FERREIRA, C.; CARDOSO, S. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.

- FERREIRA, C. et al. *Atlas Lingüístico de Sergipe*. Salvador: UFBA/Instituto de Letras; Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.
- FERREIRA, M. B. et al. Variação lingüística: perspectiva dialectológica. In: FARIA, I. H. (Org.). *Introdução à Lingüística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1996. p. 479-502.
- FERREIRA, M. B. et al. *Atlas Lingüístico-Etnográfico dos Açores – ALEAç*: a criação de gado. Açores; Lisboa; Angra do Heroísmo: Centro de Lingüística da Universidade de Lisboa; Direção Regional da Cultura, 2001. v. 1.
- KOCH, W.; KLASSMANN, M. S.; ALTENHOFEN, C. V. (Org.). *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil*. Porto Alegre; Florianópolis; Curitiba: UFRGS; UFSC; UFPR, 2002. 2v.
- LABOV, W. *Padrões sociolingüísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].
- MAIA, C. A. Os falares do Algarve (inovação e conservação). Separata da *Revista Portuguesa de Filologia*, Coimbra, v. 17, t. I-II, 1975.
- NAVARRO, T. al. *Atlas Lingüístico de la Península Ibérica – ALPI*. Fonética I. Madrid: Conselho Superior de Investigaciones Científicas, 1962.
- OLIVEIRA, A. J. *A variação em itens lexicais terminados em /l/ na cidade de Itaúna/MG*. 2006. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) –Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.
- OLIVEIRA, A. J. ‘Comendo o final das palavras’: análise variacionista da haplogogia, elisão e apócope em Itaúna-MG. 2012. Tese. (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva) –Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.
- PERINI, M. A. *Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2010.
- PRAAT 5.0. Disponível em: www.praat.org. Acesso em: 27 de jul. 2018.
- RIBEIRO, J. et al. *Esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1977.
- ROBINSON, J.; LAWRENCE, H.; TAGLIAMONTE, S. *GoldVarb 2001: a multivariate analysis application for Windows*. User’s manual. 2001. Disponível em: <https://bit.ly/3dkkMVBVarbman>. Acesso em: 20 abr. 2007.
- ROLO, M. do C. S. T. de A. *Apócope das vogais átonas finais [i] e [u] em duas localidades do Centro Sul Baiano: Beco e Seabra*. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

- ROLO, M. do C. S. T. de A. *Apagamento das vogais átonas finais [i] e [u] em áreas da Bahia e de Minas Gerais: aspectos históricos, geossociolinguísticos e acústicos*. 2016. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.
- ROSSI, N. *Atlas prévio dos falares baianos*. Rio de Janeiro: INL, 1963.
- SEGURA DA CRUZ, M. L. *A Fronteira dialectal do Barlavento do Algarve*. 1987. Dissertação. (Investigador Auxiliar) – Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, Lisboa. 2v.
- SILVA, D. J. Vowel lenition in São Miguel Portuguese. *Hispania*, v. 81, n. 1, p. 166-178, mar. 1998.
- THUN, H. La géographie linguistique romane à al fin du XXe. siècle. In: ENGLEBERT, A. et al. (Ed.). *Actes du XXIIe Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2000. p. 367-388. v. 3.
- VIARO, M. E. Semelhanças entre o português brasileiro e as variedades africanas e asiáticas. In: SILVA, L. A. da (Org.). *A língua que falamos: português: história, variação e discurso*. São Paulo: Globo, 2005. p. 211-251.
- VITORINO, G. *Atlas Lingüístico do Litoral Português: fauna e flora (introdução a dialectometria e índices)*. 1987. Dissertação. (Investigador Auxiliar) – Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, Lisboa, 1987.